

Militância começou nas faculdades

Os empresários petistas têm algo em comum: tomaram gosto pela militância ainda nos tempos de estudantes. Assim como Jorge Abrahão, Paulo Giaquinto começou a se interessar por política na Universidade Mackenzie. "Nossa participação não é tanto financeira. Nosso objetivo é tirar a imagem de satã do PT", explica.

Por isso, em todas as campanhas eleitorais os empresários petistas saem às ruas para fazer panfletagem de seus candidatos, vestidos a caráter: de terno e gravata. É uma forma de mostrar que o partido não é apenas dos operários, dos funcionários públicos e dos estudantes, mas de toda a sociedade. Geralmente

**"COMO EMPRESÁRIO,
SEMPRE FUI CONTRA
AS POSIÇÕES DO LULA.
HOJE, ACHO QUE ELE É
A ÚNICA ALTERNATIVA"**

Ademir Marques,
ex-eleitor de Collor e FHC

encontram boa receptividade das pessoas que abordam, mas já enfrentaram vaias em frente à Bolsa de Valores de São Paulo durante uma panfletagem em 1994.

Apesar desse engajamento, a Cives não tem objetivos eleitorais, como esclarece Abrahão. Sua meta é reunir empresários de todos os segmentos que querem discutir como podem contribuir para a sociedade. Há quatro anos, toda segunda-feira,

eles se reúnem na Assembléia Legislativa para debater um tema com um palestrante convidado, como o líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), João Pedro Stédile, que estará falando de reforma agrária nesta semana.

A Cives conta com aproximadamente 130 filiados, mas exerce influência sobre mais de mil pequenos e médios empresários, a maioria com idade entre 30 e 50 anos. Beneficiados no início do Plano Real com a expansão dos seus negócios, eles passaram a enfrentar dificuldades nos últimos três anos para se manterem no mercado. Muitos quebraram, como mostram os balanços do plano de estabilização econômica feitos pela Associação Comercial de São Paulo.

No primeiro ano do Real, na cidade de São Paulo, 5.048 empresas tiveram as falências requeridas por seus credores. No segundo ano, esse número pulou para 14.511. No terceiro, foram 12.386 falências. No último ano, houve uma ligeira recuperação. As falências requeridas caíram para 10.621 mas continuam altas — o dobro do registrado no primeiro ano do Real. No mesmo

período, as falências decretadas (aquelas que não tiveram solução) pularam de 567 para 1.764.

A Associação Comercial atribui esses resultados à política de juros altos e a restrições ao crédito adotadas pelo governo federal a partir do segundo semestre de 1995. Mas para os empresários da Cives, uma parte da culpa cabe à política indiscriminada de abertura do mercado brasileiro às importações. "É difícil para os produtos nacionais concorrerem com os importados, que foram isentos de impostos em seus países. Não queremos proteção do governo mas igualdade de condições para concorrer no mercado", afirmou o arquiteto Giaquinto.

Um dos empresários sacrificados por essa política de importações é Ademir Luiz Marques, que se considera um "sem-empresa". Até janeiro de 1995, ele era o representante exclusivo da *Texas Instrument*, empregava 30 pessoas e tinha um faturamento anual de US\$ 300 mil. "Achei que nunca iria quebrar, mas isso acabou acontecendo comigo", disse.

Com a abertura do mercado, Marques viu sua empresa naufragar. Depois de ter sido obrigado a fechar também uma panificadora no ano passado, passou a viver de bicos. "Como empresário, sempre fui contrário às posições do Lula. Hoje o vejo como única alternativa", conta Marques, que votou anteriormente em Fernando Collor e Fernando Henrique.